



HUMORISMO MATERNO

Em 1931, “mandar alguém para o inferno” constituía grave ofensa.

E um dos missionários católicos que visitaram Pedro Leopoldo naquela época, no zelo com que defendia a Igreja Romana, falou do púlpito que o Chico, o Mèdium espírita que se desenvolvia na cidade, devia ir para o inferno.

Chico, que frequentara a Igreja desde a infância, ficou muito chocado.

À noite, na reunião costumeira, aparece a progenitora desencarnada e, reparando-lhe a inquietude, pergunta—lhe, bondosa o motivo da aflição que trazia.

- Ah! Estou muito triste! — disse o rapaz.

- Por quê?

- Ora, o padre me xingou muito...

- Que tem isso? Cada pessoa fala daquilo que tem ou

daquilo que sabe.

- Mas a senhora imagine - clamou o Chico - que ele me mandou para o inferno...

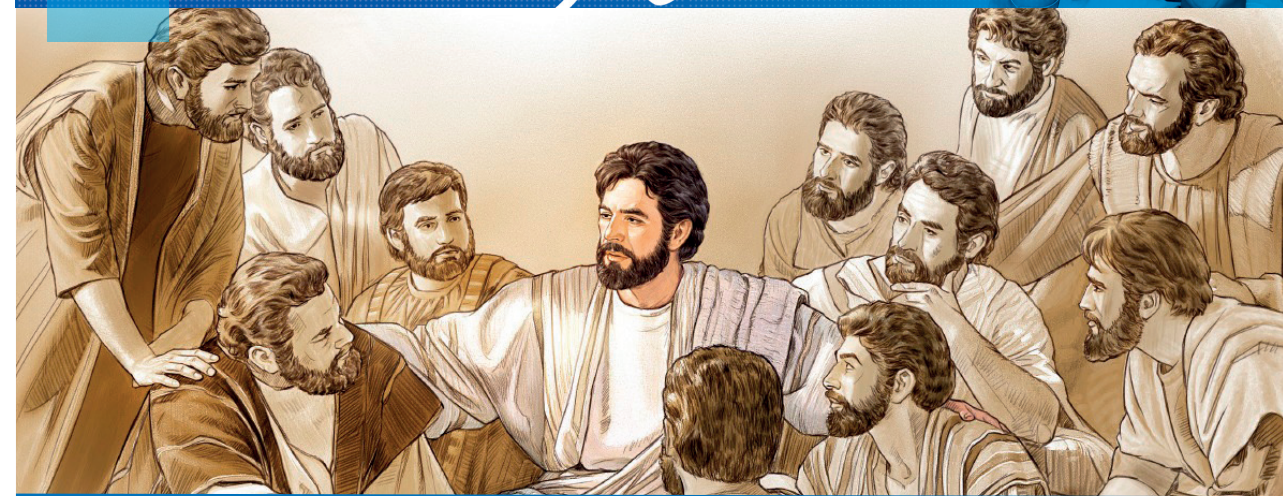
O Espírito de Dona Maria sorriu e falou:

- Ele mandou você para o inferno, mas você não vai. Fique na Terra mesmo.

O Mèdium, ante o bom humor daquelas palavras, compreendeu que não convinha dar ouvidos às condenações descabidas.

E o serviço da noite desdobrou-se em paz.

LÍNDOS CASOS DE CHICO XAVIER, de Ramiro Gama



A VISITA DA VERDADE

Certa feita, disse o Mestre que só a Verdade fará livre o homem; e, talvez porque lhe não pudesse apreender, de imediato, a vastíssima extensão da afirmativa, perguntou-lhe Pedro, no culto doméstico:

— Senhor, que é a Verdade?

Jesus fixou no rosto enigmática expressão e respondeu:

— A Verdade total é a Luz Divina total; entretanto, o homem ainda está longe de suportar-lhe a sublime fulguração.

Reparando, porém, que o pescador continuava faminto de esclarecimentos novos, o Amigo Celeste meditou alguns minutos e falou:

— Numa caverna escura, onde a claridade nunca surgira, demorava-se certo devoto, implorando o socorro divino. Declarava-se o mais infeliz dos homens, não obstante, em sua cegueira, sentir-se o melhor de todos. Reclamava contra o ambiente fétido em que se achava. O ar empestado sufocava-o — dizia ele em gritos comoventes. Pedia uma porta libertadora que o conduzisse ao convívio do dia claro. Afirmava-se robusto, apto, aproveitável. Por que motivo era conservado ali, naquele insulamento doloroso? Chorava e bradava, não ocultando aflições e exigências. Que razões o obrigavam a viver naquela atmosfera insuportável?

Notando Nosso Pai que aquele filho formulava súplicas incessantes, entre a revolta e a amargura, profundamente compadecido enviou-lhe a Fé.

A sublime virtude exortou-o a confiar no futuro e a persistir na oração.

O infeliz consolou-se, de algum modo, mas, a breve tempo, voltou a lamuriar.

Queria fugir ao monturo e, como se lhe aumentassem as lágrimas, o Todo-Poderoso mandou-lhe a Esperança.

A emissária afagou-lhe a fronte suarenta e falou-lhe da eternidade da vida, buscando secar-lhe o pranto desesperado. Para isso, rogou-lhe calma, resignação, fortaleza.

O pobre pareceu melhorar, mas, decorridas algumas ho-

ras, retomou a lamentação.

Não podia respirar — clamava, em desalento.

Condoído, determinou o Senhor que a Caridade o procurasse.

A nova mensageira acariciou-o e alimentou-o, endereçando-lhe palavras de carinho, qual se lhe fora abnegada mãe.

Todavia, porque o mísero prosseguisse gritando, revoltado, o Pai Compassivo enviou-lhe a Verdade.

Quando a portadora de esclarecimento se fez sentir na forma de uma grande luz, o infeliz, então, viu-se tal qual era e apavorou-se. Seu corpo era um conjunto monstruoso de chagas pustulentas da cabeça aos pés e, agora, percia, espantado, que ele mesmo era o autor da atmosfera intolerável em que vivia. O pobre tremeu cambaleante, e, notando que a Verdade serena lhe abria a porta da libertação, horrorizou-se de si mesmo; sem coragem de cogitar da própria cura, longe de encarar a visitadora, frente a frente, para aprender a limpar-se e a purificar-se, fugiu, espavorido, em busca de outra fuma onde conseguisse esconder a própria miséria que só então reconhecia.

O Mestre fez longa pausa e terminou:

— Assim ocorre com a maioria dos homens, perante a realidade. Sentem-se com direito à recepção de todas as bênçãos do Eterno e gritam fortemente, implorando a ajuda celestial. Enquanto amparados pela Fé, pela Esperança ou pela Caridade, consolam-se e desconsolam-se, creem e descreem, tímidos, irritadiços e hesitantes; todavia, quando a Verdade brilha diante deles, revelando-lhes a condição em que se encontram, costumam fugir, apressados, em busca de esconderijos tenebrosos, dentro dos quais possam cultivar a ilusão.

Livro: *Jesus no lar, psicografia de Chico Xavier, pelo Espírito Neio Lúcio.*



NO COMBATE AO DESALENTO

Podemos entender por desalento aquele estado de espírito em que sentimos ausência de vigor, de coragem, de ânimo para prosseguir em nossas lutas do dia-a-dia. Julgamo-nos fracos e parece mesmo que iremos sucumbir ante o volume de desafios que se desenha em nosso horizonte.

Nessas horas, é essencial apelarmos ao Alto, depositando em Deus nossas mais sagradas esperanças, confiando na Sua assistência amorosa. E devemos mesmo fazê-lo, pois sem nos “abasteceremos” de fé, como vencer a jornada?

O certo é que nunca nos faltará o apoio do Pai Maior, nos sustentando para continuarmos a caminhada, cabendo-nos porém compreender que dificilmente reuniremos ânimo, sem comungarmos com Ele, através de cotas de esforço pessoal.

Sentir Deus em nós depende, em grande parte, daquilo que de nós damos a Ele.

Por exemplo, recordando as lutas de Paulo de Tarso, Emmanuel comenta o registro de Atos dos Apóstolos segundo o qual, pelas mãos do Apóstolo dos Gentios “Deus fazia maravilhas extraordinárias (Atos, 19:11). Mas isso só era possível porque “o iniciado de Damasco se dispôs a caminhar, auxiliando e aprendendo, no holocausto das próprias energias à exaltação do bem” (*O Espírito da Verdade*, Ed. FEB, psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, cap.44).

Da lição constante nesse belíssimo capítulo da obra de Emmanuel, extraímos mais um pensamento profundamente motivador, que julgamos oportuno reproduzir. Esclarece-nos ele: “O

so frutifica sempre quando ajudado pelo cultivador”.

O ensino é claro, fazendo referência à parte que nos cabe, em termos de fidelidade a Deus, fortalecendo nossa comunhão com Ele e por meio da qual nos sentimos mais revigorados para as tarefas a cumprir.

Neste sentido, é válido recordar expressivo episódio ocorrido entre o Mestre Jesus e o discípulo João, numa viagem que ambos empreenderam até Jericó. O registro consta do capítulo 19 da obra *Boa Nova* (Ed. FEB), de autoria espiritual de Humberto de Campos, por Francisco C. Xavier.

Jericó, situada não muito distante do Mar Morto, foi palco de muitos eventos do Evangelho, tendo sido ali a cura de dois cegos e o convite de Jesus para ir à casa de Zaqueu, o cobrador de impostos. Não era uma localidade de paisagens admiráveis, por suas expressões áridas e empobrecidas.

No meio do trajeto, aproximando-se de uma propriedade rural, avistaram um lavrador rude, que cavava um grande poço, num esforço que lhe arrancava muito suor.

O fato é que as chuvas escassearam na região, há um bom tempo, obrigando o lavrador ao trabalho exaustivo, mas essencial, de buscar o líquido precioso nas reservas do subsolo. Sempre atento aos quadros de ensinamentos vivos que a Natureza proporciona, Jesus imediatamente falou a João:

“Esse quadro da Natureza é bastante singelo; porém, é na simplicidade que encontramos os símbolos mais puros. Obser-

va, João, que este homem compreende que sem a chuva não haveria mananciais na Terra; mas, não para em seu esforço (...)”.

E, mais adiante, como a sugerir que precisamos aprender a “ler” além da forma, arremata:

“(…) Esta paisagem deserta de Jericó pode representar a alma humana, vazia de sentimentos santificadores. Este trabalhador simboliza o cristão ativo, cavando junto dos caminhos áridos, muitas vezes com sacrifício, suor e lágrimas, para encontrar a luz divina em seu coração. E a água é o símbolo mais perfeito da essência de Deus, que tanto está nos céus como na Terra”.

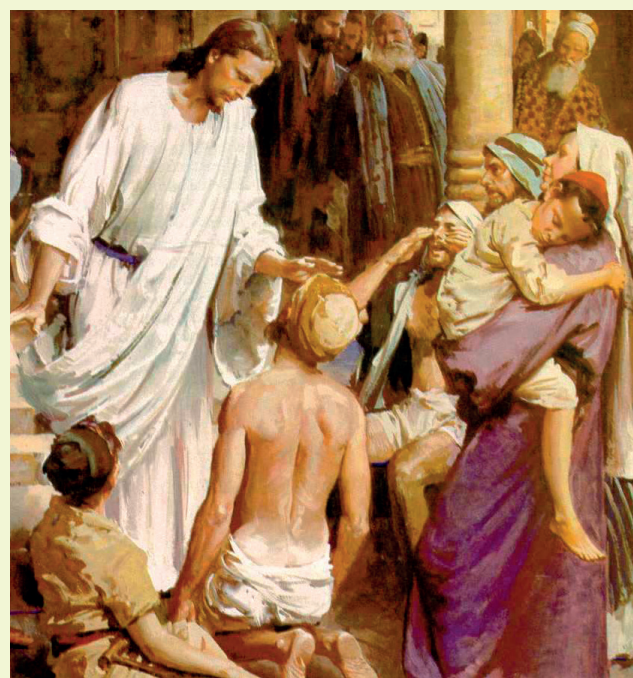
Mal terminara Jesus de pronunciar aquelas palavras, e João pôde observar a água clara começando a surgir do solo, após o imenso esforço do humilde lavrador, coroando a instrução do Divino Amigo.

Ninguém está impedido de buscar por si os recursos divinos que almeja, bastando que se disponha ao trabalho que lhe compete, o que quase sempre implica em “esforço de cavar”.

O lavrador tinha a opção de aguardar a chuva, conservando-se desalentado e triste, mas não pagaria por isso um preço maior que entregar-se ao serviço?

É por essa razão que o ensino “a cada um segundo as suas obras” está na base de todas as aquisições do Espírito Imortal, não importando as condições em que ele se encontre. É preciso “cultivar o solo” para que ele frutifique...

JESUS E O SOFRIMENTO



Os relatos são singelos e comoventes. Desde a mulher hemorrágica, que O toca, até o cego Bartimeu, que roga-lhe assistência, nas estradas de Jericó, ou desde o servo do centurião, curado à distância, aos lazarentos, que O abordaram nas montanhas e Dele obtiveram a felicidade da recomposição dos corpos, antes em frangalhos. São esses socorros prestados com todo rigor dos conhecimentos infindos e sublimes do Médico Celeste,

Sejam quais forem as alterações que se manifestem no corpo ou na alma, provocando a reação natural do primeiro, ou a agonia da segunda em Jesus serão encontrados as mediações e os lenitivos, quando toda a medicina da Terra e outros variados recursos científicos não lograrem o anelado sucesso.

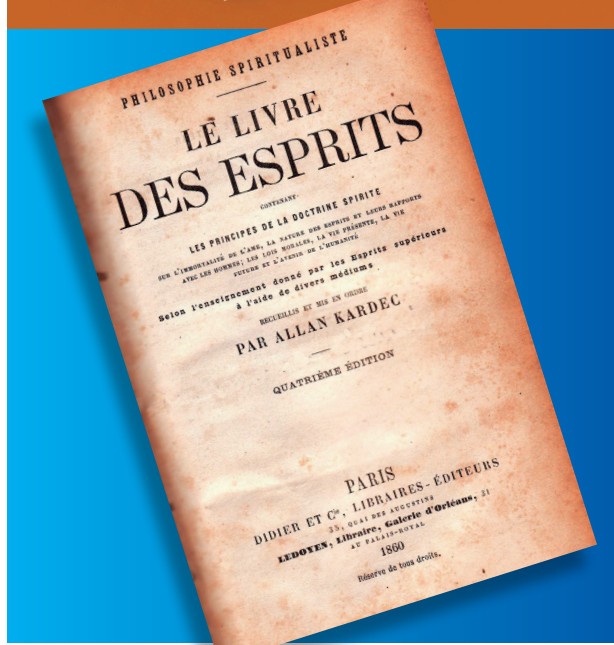
O atendimento de Jesus se estende também aos aspectos de características morais. Da atormentada cortesã Magdarena ao angustiado Zaqueu, que revelaram a profunda ação das energias formidáveis da vida cósmica, extravasadas do Divino Companheiro das almas sofredoras.

Com Ele, todo e qualquer sofrimento achará o remédio, os sofredores encontrarão o necessário amparo e a vida de todos terá a luz e o rumo dos quais careçam, para a completa ventura dos dias futuros.

Francisco de Paula Victor

Livro: *Vida e Mensagem, psicografia de J. Raul Teixeira.*

PERGUNTAS
QUE NOS
FAZEM?



LIVRO SEGUNDO - MUNDO ESPÍRITA OU DOS ESPÍRITOS

CAP. 2 – ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS III – MATERIALISMO

147. Por que os anatomistas, os fisiologistas e, em geral, os que se aprofundam nas Ciências Naturais são frequentemente levados ao materialismo?

— *O fisiologista refere tudo ao que vê. Orgulho dos homens, que tudo creem saber, não admitindo que alguma coisa possa ultrapassar o seu entendimento. Sua própria ciência os torna presunçosos. Pensam que a Natureza nada lhes pode ocultar.*

148. Não é estranho que o materialismo seja uma consequência de estudos que deveriam, ao contrário, mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Deve-se concluir que esses estudos são perigosos?

— Não é verdade que o materialismo seja uma consequência desses estudos. E o homem que deles tira uma falsa consequência, pois ele pode abusar de tudo, mesmo das melhores coisas. O nada, aliás, os apavora mais do que eles se permitem aparentar, e os espíritos fortes são quase sempre mais fanfarrões do que valentes. A maior parte deles são materialistas porque não dispõem de nada para preencher o vazio. Diante desse abismo que se abre ante eles, mostrai-lhes uma tábua de salvação, e a ela se agarrarão ansiosamente.

Comentário de Kardec: Por uma aberração da inteligência, há pessoas que não veem nos seres orgânicos nada mais que a ação da matéria, e a esta atribuem todos os nossos atos. Não veem no corpo humano senão a máquina elétrica; não estudaram o mecanismo da vida senão no funcionamento dos órgãos; viram-na extinguir-se muitas vezes pela ruptura de um fio, e nada mais perceberam além desse fio; procuraram descobrir o que restava, e como não encon-

traram mais do que a matéria inerte, não viram a alma escapar-se e nem puderam pegá-la, concluíram que tudo estava nas propriedades da matéria, e que, portanto, após a morte, o pensamento se reduz ao nada. Triste consequência, se assim fosse, porque então o bem e o mal não teriam sentido; o homem estaria certo ao não pensar senão em si mesmo e ao colocar acima de tudo a satisfação dos prazeres materiais; os laços sociais estariam rompidos e os mais santos afetos destruídos para sempre. Felizmente, essas ideias estão longe de ser generalizadas; pode-se mesmo dizer que estão muito circunscritas, não constituindo mais do que opiniões individuais, porque em parte alguma foram erigidas em doutrina. Uma sociedade fundada sobre essa base traria em si mesma os germes da dissolução, e os membros se despedaçariam entre si, como animais ferozes.

O homem tem instintivamente a convicção de que tudo não se acaba para ele com a vida; tem horror ao nada; é em vão que se obstina contra a ideia da vida futura, e quando chega o momento supremo, são poucos os que não perguntam o que deles vai ser, porque a ideia de deixar a vida para sempre tem qualquer coisa de pungente. Quem poderia, com efeito, encarar com indiferença uma separação absoluta e eterna de tudo o que ama? Quem poderia ver, sem terror, abrir-se à sua frente o imenso abismo do nada, pronto a tragar para sempre todas as nossas facilidades, todas as nossas esperanças, e ao mesmo tempo dizer: — Qual! Depois de mim, nada, nada, nada mais que o nada; tudo se apagará da memória dos que sobreviverem a mim; dentro em breve nenhum traço haverá de minha passagem pela terra; o bem mesmo que eu fiz será esquecido pelos ingratos a quem servi; e nada para compensar tudo isso, nenhuma perspectiva, a não ser a do meu corpo devorado pelos vermes!

Este quadro não tem qualquer coisa de horroroso e de glacial? A religião nos ensina que não pode ser assim, e a razão o confirma. Mas uma existência futura, vaga e indefinida, nada tem que satisfaça o nosso amor do positivo. E é isso que, para muitos, engendra a dúvida. Está certo que tenhamos uma alma; mas o que é a nossa alma? Tem ela uma forma, alguma aparência? É um ser limitado ou indefinido? Dizem alguns que é um sopro de Deus; outros, que é uma centelha; outros, uma parte do Grande Todo, o princípio da vida e da inteligência. Mas o que é que tudo isso nos oferece? Que nos importa ter uma alma, se depois da morte ela se confunde com a inensidade, como as gotas d'água no oceano? A perda da nossa individualidade não é para nós o mesmo que o nada? Diz-se ainda que ela é imaterial. Mas uma coisa imaterial não pode ter proporções definidas, e para nós equivale ao nada. A religião nos ensina também que seremos felizes ou desgraçados, segundo o bem ou o mal que tenhamos feito. Mas qual é esse bem que nos espera no seio de Deus? E uma beatitude uma contemplação eterna, sem outra ocupação que a de cantar louvores ao Criador? As chamas do inferno são uma realidade ou apenas um símbolo? A própria Igreja as compreende nesse último sentido; mas, então, que sofrimentos são esses? Onde se encontra o lugar de suplício? Em uma palavra, o que se faz e o que se vê nesse mundo que nos espera a todos?

Ninguém costuma-se dizer, voltou de lá para nos dar conta do que existe. Isto, porém é um erro e a missão do Espiritismo é precisamente a de nos esclarecer sobre esse futuro a de nos fazer, até certo ponto, vê-lo e tocá-lo, não mais pelo raciocínio, mas através dos fatos. Graças às comunicações espíritas, isto não é mais uma presunção uma probabilidade sobre a qual cada um pinta à vontade, que os poetas embelezam com suas ficções ou enfeitam de imagens alegóricas que nos seduzem. E a realidade que nos mostra a sua face, porque são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm contar a sua situação, dizer-nos o que fazem, permitir-nos assistir, por assim dizer a todas as peripécias da sua nova vida, e, por esse meio, nos mostram a sorte inevitável que nos está reservada, segundo os nossos méritos ou os nossos delitos Há nisso alguma coisa de anti-religioso? Bem pelo contrário, pois os incrédulos ai encontram a fé e os tíbios, uma renovação do fervor e da confiança. O Espiritismo é o mais poderoso auxiliar da religião. E se assim acontece é porque Deus o permite, e o permite para reanimar as nossas esperanças vacilantes e nos conduzir ao caminho do bem, pelas perspectivas do futuro.

OS EVANGELIZADORES, OS PAIS E A EVANGELIZAÇÃO DA INFÂNCIA



“O Movimento Espirita Brasileiro ainda não despertou completamente para a importância da evangelização infantil”, afirmou o confrade José Passini, em artigo publicado na Revista Mundo Espirita (FEP) de setembro de 2014.

Para ele, fazendo-se um paralelo com a Medicina, vemos que os processos preventivos visando à preservação da saúde vêm aumentando sensivelmente com o passar do tempo, pois é melhor vacinar do que esperar que a criatura adoença e tratá-la mais tarde. Por que, então, não se adota a mesma prática no Movimento Espirita? Por que não vacinar a criança na Escola Espirita de Evangelização da Infância?

Ainda segundo Passini, ali a criança aprende a libertar-se do misticismo do templo; a libertar-se do problema racial; a ter consciência de que deve colaborar na melhoria do mundo; a ter fé no amparo de Deus, de Jesus, dos Bons Espíritos. Mas aprende também que deve fazer a sua parte. No que também deve ser seguida pelos seus pais, que devem acompanhar de perto o aprendizado da criança, comparando à Escola de Evangelização, a fim de dialogar com os evangelizadores.

Preocupa-nos ouvir de certas crianças, que frequentam nossas aulas de Evangelização, que alguns pais não se ocupam dessa atividade com o devido interesse, ocorrendo, muitas vezes, um fenômeno curioso: em vez de os pais estimularem a assiduidade às aulas, são as próprias crianças que o fazem, tendo que convencer os pais a levá-las, uma vez que estes nem sempre se motivam para tanto.

“Informa-nos Joanna de Ângelis que os pais, também na condição de orientadores, devem ter a preocupação de oferecer aos seus filhos, além dos meios para a manutenção da vida; de encaminhá-los na profissão que escolham, também, a preocupação maior de atendê-los com a melhor diretriz para uma vida digna e um porvir espiritual seguro, ou seja, encaminhá-los às Escolas de Evangelização dos Centros Espíritas, ou, do contrário, não estarão cumprindo com as suas obrigações”, explica Maria Izilda Netto, em artigo intitulado *Porque evangelizar a criança?* (disponível em <https://radioboanova.com.br/por-que-evangelizar-crianca/>).

Segundo ela, o evangelizador, por sua vez, deve dar continuidade ao trabalho dos pais. Sua ação deve ser pautada nos princípios da fraternidade, do afeto e da fidelidade doutrinária,

de modo a possibilitar às crianças e aos jovens momentos de aprendizado e de convívio direcionados ao conhecimento e à vivência dos ensinamentos de Jesus.

“É bom que se diga, o evangelizador consciente de si mesmo jamais se julga pronto, acabado, sem mais o que aprender, refazer, conhecer... Ao contrário, avança com o tempo, vê sempre degraus acima a serem galgados, na infinita escala da experiência e do conhecimento”, argumenta Guillon Ribeiro, conforme consta no documento “Orientação para Ação Evangelizadora Espirita da Infância – Subsídios e Diretrizes” (Ed.FEB).

Sobre as qualidades mínimas esperadas do evangelizador, destacou Rildo G. Mouta, em artigo publicado na Revista Reformador (FEB), de novembro de 1998, p.329:

- Conhecer os conteúdos doutrinários
- Ser um referencial de comportamento ético, à luz dos ensinamentos de Jesus
- Estar convencido que a Evangelização Espirita contribuirá para a transformação da humanidade
- Ter entusiasmo pela tarefa
- Ser flexível e receptivo na aquisição de novos conhecimentos
- Ter visão integral do Currículo da Evangelização e de sua inserção no Movimento Espirita
- Saber escolher metodologias que possibilitem ao evangelizando elaborar e expressar seu conhecimento
- Ter sensibilidade para se avaliar, considerando seu papel de mediador entre o conhecimento, o aluno e sua realidade.

Temos, com essas reflexões, breve noção das amplas responsabilidades de evangelizadores, pais e instituições espíritas no tocante à aproximação das crianças e jovens do Evangelho, com as luzes do Consolador Prometido, principalmente através da exemplificação pessoal, “a única autoridade legítima, aos olhos de Deus”, segundo Allan Kardec (item 13, capítulo 10 de O Evangelho Segundo o Espiritismo).

Que nos inspire a advertência do Mestre (“Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais”), a fim de não servirmos de obstáculo entre Ele e a floração juvenil, sempre uma esperança de renovação para a humanidade.